

E A MODA CRIOU INDIVÍDUOS...

EUNICE CABRAL

A Moda, como figura social, tem vindo progressivamente a constituir-se em vanguarda estética de uma cultura de massas entendida não por uma estandardização mas por uma universalização de objectos e de espaços (também de pessoas) que se reclamam diferentes, que se situam ao lado uns dos outros sem formarem entre si figuras hierarquizadas.

A Moda, como figura de individuação, faz de cada um de nós um «artista sem arte»¹ e estimula-nos na procura de novos estilos de vida. Este processo de personalização significa a criação de novos contextos e de novas relações para as coisas.

Folheamos em revistas de Moda, divas mudas e esplendorosas em cenários de bel-canto. Mulheres fatais com o cabelo em desalinho e sem cavalheiros para arruinar. Umas e outras, no entanto, têm expressões físicas semelhantes às pessoas que conhecemos ou que vemos passar no nosso dia-a-dia.

Dentro de um fato masculino cinzento e às riscas e de um chapéu de coco de gentlemen, não é um homem que vemos mas uma adolescente negra que se passeia ou que pára apoiando-se num guarda-chuva masculino. O texto que acompanha esta sequência de fotografias de moda tem um título «Declarações Urbanas» e aconselha qualquer leitora a ver o que é que este vestuário pode fazer por ela.*

A nossa pequena civilização, nascida no século XIX, adquiriu para o ser humano a noção de que os acontecimentos e os indivíduos são seres no tempo e na história. A História por sua vez, ao substituir a Ordem, faz da vida matéria narrável e cria sujeitos. Realiza o sonho de alguns antigos que desejavam que tudo pudesse ser então possível num mundo sem fundamento divino, produtos de uma realidade como expressão da vontade de homens reconhecidos iguais.

Esta modernidade criou indivíduos entregues a uma liberdade sem limites num mundo esvaziado do passado e da tradição. Mas o indivíduo, possuidor de um direito absoluto de ser ele-mesmo, perdeu, neste caminho, a naturalização da representação das coisas e de si próprio. A euforia deste mundo doravante acessível, é acompanhada pela angústia do inacabado de tudo o que existe e por uma identidade individual nunca completa. A acumulação civilizacional cria distâncias e a visibilidade que a História facultava pode invadir-nos de Depressão.

Fernando Pessoa, que sintetizou a condição moderna, deixou-nos um universo desconstruído em que todo o real está inscrito numa Ausência e em que as nossas pequenas realidades não passam de ficções². Mas Pessoa surge depois de um século de uma modernidade social que, com mais ou menos intensidade e convicção, tem vindo a instituir o indivíduo como figura soberana. Pessoa terá escrito esse eu moderno como Ausência. Outros veriam nessa ausência e nesse deserto, que a modernidade permitiu, convites a viagens (Baudelaire) e possibilidades de uma estilização da vida psíquica³ através de uma peregrinação interior e de uma aprendizagem subjectiva.

Do lado da depressão ou da euforia, a arte de finais do século XIX e princípios XX concretizou processos de personalização percebidos de início como vanguardas e dificilmente assimiláveis pela cultura existente, como o gosto da evasão dos simbolistas, a arte de desrealizar o real dos decadentes ou ainda o halo dos automatismos inconscientes do surrealismo.

Hoje, com frequência, encontram-se na publicidade as frases literárias mais arrojadas de há um século. Ou então, reconhece-se com simpatia o consumo generalizado de ideias ou de sensibilidades que começaram por ser de circulação restrita. O que foi inovador e negação da tradição passa a lugar-comum, a mínimo civilizacional.

No mundo ocidental, os anos 60 foram o último surto de personalização no domínio estritamente individual constituindo uma revolução do quotidiano. Só quando uma sociedade consegue produzir um excedente civilizacional é que cada pessoa pode fazer da sua vida uma existência própria. Só este excedente civilizacional, produzido por consensos colectivos, é que permite a Moda tal como a entendemos hoje, ou seja, a Moda como a vanguarda estética de uma cultura de massas. Mas este processo encontra-se ainda no começo. A existência de vários estilos de vida passa, nas nossas sociedades, pela circulação e pelo acesso a variadíssimos produtos e espaços. As impressões de aborrecimento e de vazio, hoje vividas, parecem vir do facto de existirem já muitos objectos estilizados mas poucas estilizações das vidas pessoais.

A esta predominância de objectos des-naturalizados, despojos da modernidade, que se acumulam e que circulam, podemos chamar pós-modernismo. A Moda, como figura social, seria também essa atitude pós-moderna que parece ser a transformação das temáticas da modernidade em fenómenos de massas.

Exemplo desta transformação é a sequência de fotografias da adolescente negra das «Declarações Urbanas». Esta sequência é atravessada pelo questionamento do masculino/feminino mas simultaneamente nenhuma identidade é verdadeiramente construída restando a ambiguidade da alteridade e do fracturado. Porque se é verdade que ela veste um fato masculino, esse fato é de um tipo de homem que já não existe (o *gentleman* britânico do apogeu da industrialização). Por outro lado, há também nesta sequência uma outra temática, bastante usual em fotografias de Moda

actuais, que é a interpenetração e o diálogo norte/sul, ocidente/oriente. A rapariga é negra mas, tendo nascido na Europa (supõe-se), possui corpo e gestos europeus ainda que mantenha deliberadamente traços africanos.

Estas ambiguidades (inexistências também) permitem a estetização do contigente e do fragmentário. A câmara fotográfica vai fixando-a na evolução dos seus movimentos: ela corre, tira o chapéu, volta-se para trás e atravessa uma rua.

Como também os homens das fotografias de moda que aparecem narcisicamente caídos em si, estão a meio caminho entre eles próprios e outros. Essa vulnerabilidade, que nada tem a ver com a efeminação do homem, faz-nos pensar até que ponto toda a procura do eu passa por processos de alteridade.

A poderosa máquina que é a cultura de massas, ensina-nos esta verdade humana elementar que a vida são dois dias e que a felicidade é possível e que está ao alcance de todos. Basta viver. Tal superficialidade apoia-se em lutas e discussões que lhe são anteriores. O consenso não significa o fim de uma discussão, diz Lyotard⁴ mas também não é menos verdade que a vida se tornaria insuportável sem esses consensos.

Para cada um de nós, a Moda, como figura de individualização, vai tecendo mundos materiais, e alguns imateriais, através de processos de representação não-tradicionais da realidade, jogando com «a paixão da subjectividade infinita» (como referiu Kierkegaard)⁵.

O sonho, os gestos e os modos pressentidos e fantasiados a partir dos objectos e dos corpos produzidos pela Moda, são já indícios dessa invenção de novas possibilidades de vida. Porque de certo modo, os homens inventaram o mundo antes do eu, como diz Lourenço. Precisamos de contornos definidos, precisamos de mundos para nos inventarmos. Por enquanto, em contraste com a nossa realidade do dia-a-dia, a beleza de Moda é mais fria que a morte porque as individualidades propostas são ainda apenas para auto-consumo.

NOTAS

* Por razões técnicas não é possível apresentar as fotografias referidas.

1 Christopher Lasch, *The Culture of Narcissism*, Abacuz Londres, 1980.

2 Eduardo Lourenço, *Fernando Rei da Nossa Baviera*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1986.

3 João Gaspar Simões, *O mistério da poesia — Ensaio de Interpretação da génese poética*, Editorial Inova Limitada, Porto, 1971.

4 Jean-François Lyotard, *La condition Postmoderne*, Paris Minuit, 1979.

5 Citado por Eduardo Lourenço, *Op. cit.*